

## O cavalo da noite

Deitou-se cedo. Na dita hora em que o buraco se abria na barriga. Deviam ter avisado, desde as primeiras estórias, que gente grande se perde no vazio. A escuta de vozes e o barulho de gestos acordados preenchiam o escuro. Nem chá de cidreira, nem a benção da reza, muito menos a ameaça de castigo faziam a menina adormecer. A mãe trouxe até uma moça do sertão para acompanhar as noites insones de Carolina. E rogou à criatura que desse um jeito de a filha deixar a casa dormir.

Maria Maluca, como era chamada por todos, foi a responsável por parte da estranheza que a menina experimentava nos finais do dia. Imagina ter que aguardar todas as noites por um homem montado a cavalo, trazendo o número do jogo do bicho escrito na testa? Maria dizia que gente inocente é que servia para receber recados de Deus ou do Diabo. Por anos seguidos, Carolina aguardou encolhida a visita do desconhecido.

O apego à repetição parecia dar mais vida ao fantasma. Pensou — alguma coisa precisa mudar. Em uma noite de pouco sono, vestiu a camisola de seda que ganhou da madrinha, tomou entre as mãos um livro de Mia Couto e embromou a hora do medo. Afinal de contas, já fazia mais de vinte anos que o cavaleiro ameaçava aparição. O sinal das linhas era traçado “na berma de nenhuma estrada” — *quem amamos nasce antes de haver o tempo*. Solto o livro, com os olhos marejados, imóvel diante da interminável espera do homem que ameaça e não vem. Foi compondo, junto com a descrição de Maluca, os traços do visitante ausente: camisa aberta até a cintura, a mão firme no cabresto, a ligeireza no trote do cavalo e o olhar de bicho fosforescendo no escuro.

Na varredura do imaginário, Carolina alcançou as mãos do vaqueiro. Parou, arrumou o corpo com firmeza e de soslaio percebeu que ele carregava no dedo médio um anel de madrepérola. Trouxe para o rosto um riso de formosura. E se o anel fosse uma prenda que o cavaleiro guardara na interminável viagem? Deitada é que não ficaria mais. Foi até o espelho e viu que sequer penteara os cabelos. Havia também a palidez das virgens e luzes apagadas nos vãos do corpo.

Decidida, a moça atirou as vestes e abriu as janelas. O corpo é máquina de alterar senha, de criar códigos. O homem podia vir com o bicho escrito na testa, podia vir. Ela aceitaria os desígnios de Maria. Nua como convém a uma mulher que já visita aquele que há muito espera. Fechou os olhos, deixou vir. Sentiu os galopes do cavaleiro rasgando o emaranhado das matas não brocadas. Ainda era floresta. Suportou a ventania nas portas e o clarão das janelas abertas. Maria Maluca havia plantado a chave do enigma — para dormir é preciso estar acordada. Quando o dia amanheceu, fez sua fé no jogo do bicho. Tinha enxergado dois “um” estampados na testa do cavaleiro, foi então que indagou ao senhor da banquinha — que bicho é esse? O homem respondeu — é cavalo.